

MARIA FIRMINA DOS REIS: POEMAS DE AMOR DESESPERADO

Poeta afrodescendente, nascida em São Luís do Maranhão, em 1822 e falecida em 1917, Maria Firmina é mais conhecida na literatura brasileira por seu livro *Ursula*, de 1859. Além de escritora, foi professora e musicista. Na prosa, distinguiu-se pela denúncia do escravagismo, mas foi também poeta, pouco conhecida até hoje. *Cantos à beira-mar*, volume de poemas de forte teor ultrarromântico, publicado em 1871, foi reeditado em 2017, pela Academia Ludovicence de Letras, com organização de Dilercy Aragão Adler e Oswaldo Gomes. Há em sua poesia, além dos transportes de uma alma sofrida, um traço homoerótico que atualiza o tema do amor impossível e sugere sua revolta contra a opressão da mulher no século XIX.

Ah! Não Posso

Se uma frase se pudesse
Do meu peito destacar;
Uma frase misteriosa
Como o gemido do mar,
Em noite erma, e saudosa,
De meigo, e doce luar.

Ah! se pudesse!... mas muda
Sou, por lei, que me impõe Deus!
Essa frase maga encerra,
Resume os afetos meus;
Exprime o gozo dos anjos,
Extremos puros dos céus.

Entretanto, ela é meu sonho,
Meu ideal inda é ela;

Menos a vida eu amara
Embora fosse ela bela.
Como rubro diamante,
Sob finíssima tela.

Se dizê-la é meu empenho,
Reprimi-la é meu dever:
Se se escapar dos meus lábios,
Oh! Deus, - fazei-me morrer!
Que eu pronunciando-a não posso
Mais sobre a terra viver

Confissão

Embalde, te juro, quisera fugir-te,
Negar-te os extremos de ardente paixão:
Embalde, quisera dizer-te: - não sinto
Prender-me à existência profunda afeição.

Embalde! é loucura. Se penso um momento,
Se juro ofendida meus ferros quebrar:
Rebelde meu peito, mais ama querer-te,
Meu peito mais ama de amor delirar.

E as longas vigílias, - e os negros fantasmas,
Que os sonhos povoam, se intento dormir,
Se ameigam aos encantos, que tu me despertas,
Se posso a teu lado venturas fruir.

E as dores no peito dormentes se acalmam.
E eu julgo teu riso credor de um favor:
E eu sinto minh'alma de novo exaltar-se,
Rendida aos sublimes mistérios do amor.

Não digas, é crime - que amar-te não sei,
Que fria te nego meus doces extremos...
Eu amo adorar-te melhor do que a vida,
melhor que a existência que tanto queremos.

Deixara eu de amar-te, quisera um momento,
Que a vida eu deixara também de gozar!

Delírio, ou loucura - sou cega em querer-te,
Sou louca... perdida, só sei te adorar.

Amor

Ah! sim eu quero rever-te a medo
Terno segredo — que em minh'alma habita;
Mas, vês? Eu tremo... teu sorriso anima:
Vê, se o que digo, o teu dizer imita...
Um ai poderá traduzir — n'um ai
Tudo o que pedes que eu te diga agora;
Mas tu não queres!... teu querer respeito.
Eia... coragem! dir-te-ei n'uma hora.
Oh! não te esqueças meu rubor, meu pejo,
Vê que eu vacilo... que eu perdi a cor;
Embora... escuta. Tu me amas? — dize
Eu te confesso que te voto amor...

Ela!

(A pedido)

Ela! Quanto é bela, essa donzela,
A quem tenho rendido o coração!
A quem votei minh'alma, a quem meu peito
Num êxtase de amor vive sujeito...
Seu nome!... não — meus lábios não dirão!
Ela! minha estrela, viva e bela,
Que ameiga meu sofrer, minha aflição;
Que transmuda meu pranto em mago riso.
Que da terra me eleva ao paraíso...
Seu nome!... Oh! meus lábios não dirão!
Ela! virgem bela, tão singela
Como os anjos de Deus. Ela... oh! não,

Jamais o saberá na terra alguém,
De meus lábios, o nome que ela tem...
Que esse nome meus lábios não dirão.

ESQUECE-A

Amor é gozo ligeiro,
Mas é grato e lisonjeiro
Como o sorriso infantil;
Promessa doce, e mentida,
Alenta, destrói a vida;
É um delírio febril.
Muito te amei... minha lira,
Que triste agora suspira,
Nesta erma solidão,
Bem sabes — ricas de flores,
Cantava os ternos amores,
Do meu terno coração.
Minha afeição era pura.
Não era engano, cordura,
Não era afeto mentido;
Se ela assim te não cativa,
Esquece-a, que sou altiva,
Esquece-a, sim — fermentido.

De: *Cantos à Beira-Mar*